

Resenha

Guerra No Mar: Batalhas e Campanhas Navais Que Mudaram A História.

VIDIGAL, Armando; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de (Org.).
Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a História.
Rio de Janeiro: Record, 2009. 541 p.

André Figueiredo Rodrigues*

Você pode me bater
Ai, ai, ai
e até me provocar
Ai, ai, ai
mas não manche as minhas águas
e se rouba a minha terra
É guerra no mar, é guerra
guerreira, guerra é guerra no mar
se eu não ganho nessa, eu perco
mas na outra eu vou ganhar.

Estes versos da música *Guerra no mar*, de Maria Bethânia, ilustram a importância do mar ao longo da história da humanidade: facilitador de migrações e descobrimentos, veículo das revoluções econômicas, fonte de riquezas e desafio para a defesa dos países. Este último ponto, aliás, cantado pela intérprete, demonstra a ligação antiga entre guerra e a existência e luta dos homens pela sobrevivência. A necessidade e, muitas vezes, a cobiça levam vizinhos a duelar por espaços e poder.

A máxima – quem pode mais, manda mais – não deixa de ser correta. Independente de suas várias explicações sociológicas, políticas e históricas, poder nada mais é do que a capacidade de força que alguém tem de mandar em outro. Só manda quem tem a capacidade de impor a própria vontade, seja pelo viés econômico, político, religioso ou militar.

* Doutor em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e Professor das Faculdades Guarulhos e do Centro Universitário Ibero-Americano (Unibero)/Anhanguera Educacional.

Muitas nações, ao longo de suas trajetórias, utilizaram o poderio militar para impor suas vontades e dominação sobre outros povos. É assim que desde a Antiguidade clássica, autores como Heródoto – considerado o pai da História – e Tucídides, por exemplo, narram as aventuras e as guerras empreendidas pelos gregos para se sobrepujarem aos povos vizinhos e se tornarem o primeiro “império” a sobrepujar um território e o mar aos seus interesses.

Com o intuito de mostrar as batalhas navais que definiram e ajudaram a moldar os rumos da História do mundo, nas diversas etapas de sua evolução, desde os tempos antigos até os nossos dias, do mar Mediterrâneo às ilhas do Pacífico ou até o extremo sul do Atlântico, é que se organizou o livro *Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a História*, coordenado pelo Almirante Armando Vidigal e pelo Comandante Francisco Eduardo Alves de Almeida.

A obra é um compêndio de quinze artigos, escritos por sete oficiais da Marinha que se uniram a sete professores universitários para produzir um texto empolgante e múltiplo, que nos fazia falta nos estudos da história naval militar.

Ao leitor é possível perceber, ao longo dos capítulos, cinco grandes eixos de análise. O primeiro compreende os dois capítulos iniciais e se reporta ao ambiente da História Antiga ocidental. André Leonardo Chevitarrese, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), escreve sobre a batalha naval ocorrida na ilha de Salamina, em 479 a.C., quando os atenienses estabeleceram a supremacia grega do mar. As águas do Mediterrâneo viram as trirremes gregas dominarem suas ondas. Domínio rivalizado pelos romanos, dois séculos depois, que tornaram o mar Mediterrâneo o *mare nostrum* (nosso mar), expressão cunhada por eles próprios para demonstrar sua hegemonia naquela vasta região. A origem do expansionismo romano pelo mar, a configuração de suas forças e as três guerras púnicas que se envolveram contra Cartago são contados pela professora Regina Maria da Cunha Bustamante, da UFRJ, em capítulo sobre a batalha naval de Mylae, em 260 a.C., numa importante etapa para a constituição de Roma como *domina mundi* (senhora do mundo).

Ainda no eixo gravitacional do Mediterrâneo e no texto do professor Márcio Antônio Scalércio, da Universidade Cândido Mendes, chegamos à História Moderna e a narração da batalha de Lepanto, na Grécia, quando uma esquadra da Santa Liga (com contingentes de Veneza, da Espanha, da Itália, de mercenários alemães e de forças do Papa) venceu o Império Otomano, em outubro de 1571, representando o fim da expansão islâmica no Mediterrâneo.

A partir deste ponto do livro e nos três capítulos seguintes entramos em batalhas que envolveram a Inglaterra: a guerra contra os espanhóis e a tentativa de Felipe II, da Espanha, se impor mundialmente no domínio dos

mares – escrito pelo almirante Reginaldo Garcia Gomes dos Reis; a guerra contra os holandeses pelo domínio marítimo comercial pelo transporte de bens na Europa – de autoria do comandante Francisco Eduardo Alves de Almeida; e a batalha de Trafalgar contra a França e a Espanha, narrada pelo professor Kenneth Light.

Em todos os capítulos desse segundo bloco vê-se o surgimento da Inglaterra como a grande força naval dos séculos XVI ao XIX. Os ingleses, graças a sua Marinha, garantiram a ampliação e a manutenção de seu comércio no exterior. Aos espanhóis coube a perda de boa parte da sua marinha de guerra e, com ela, a condição de poder imperial – obtido graças a sua participação no descobrimento e na posse de terras na América; aos holandeses a perda de rotas de comércio marítimo e, aos franceses, suas pretensões expansionistas.

No adentrar ao século XIX, em um terceiro bloco de textos, aparecem novos atores no cenário naval mundial: os Estados Unidos, o Japão, a China e a Rússia. O professor Ricardo Pereira Cabral, da Universidade Gama Filho, escreve sobre a batalha naval de Hampton Roads, ocorrida durante a Guerra Civil Norte-Americana. Em um de seus episódios, as forças da Confederação capturaram a cidade de Portsmouth. As tropas da União, na fuga, deixaram ao controle dos confederados o porto e o estaleiro Gosport, ambos situados às margens do rio Elizabeth. Em Norfolk, Virgínia, no lado sul de Hampton Roads, as forças unionistas, ao se retirarem, destruíram nove navios em construção e a fragata *USS Merrimack*, que estava em reparo. Este barco foi recuperado pelos confederados e rebatizado como *CSS Virgínia* e recoberto com placas de ferro fundido, transformando-se no primeiro navio de guerra couraçado dos Estados Unidos. Este fato foi um marco para a história naval: daquele instante em diante, os navios, que eram construídos de madeira, passaram a ser montados de ferro e, também, a utilizar motor a vapor no lugar de mastros e velas. Assim, com os Estados Unidos deu-se início ao uso da tecnologia em detrimento da tática naval.

O Japão e a China seguiram a rota dessas inovações tecnológicas e, com sonhos de grandeza, rivalizavam pela supremacia no extremo oriente. O Almirante Afonso Barbosa, em seu capítulo sobre a batalha naval de Yalu, em 1894, reconstrói o panorama político-estratégico que levou à vitória japonesa e seus interesses imperialistas no Oriente, por conta do alto valor do comércio desenvolvido na região. Este expansionismo, no início do século XX, levou ao combate japoneses e russos na batalha de Tsushima (1904-1905), estudada pelo professor e comandante Antonio Luiz Porto e Albuquerque.

No avançar rumo ao século XX, chegamos ao quarto bloco temático da obra – as guerras mundiais e o advento da supremacia militar norte-americana. O primeiro destes textos, escrito pelo Almirante Armando Amorim Ferreira

Vidigal, narra a batalha da Jutlândia, o maior conflito naval da Primeira Guerra Mundial e o único embate – em grande escala – entre couraçados que teve lugar naquela guerra. A Batalha do Atlântico, o mais importante evento bélico da Segunda Guerra Mundial, foi descrita pelo professor Francisco Carlos Teixeira da Silva, da UFRJ.

Entre esses dois grandes conflitos do século XX, o couraçado, que até então reinava absoluto, cedeu espaço para o porta-aviões como a grande arma de guerra. O submarino, em ambos os momentos, também foi arma fundamental no aniquilamento do inimigo. Com aparato tecnológico, apoio logístico e operações anfíbias, os Estados Unidos emergem como a maior potência do século XX. A batalha naval de Midway, comentada pelo professor Williams Gonçalves, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, serve de exemplo e comprova essas informações. Com poderio naval e humano inferior aos japoneses, os norte-americanos conseguiram derrotá-los na estratégia.

Com pretensão de dominar o oceano Pacífico, o Japão – ainda influenciado pela vitória na batalha de Tsushima – empreende batalha contra os Estados Unidos pelo domínio daqueles mares.

Na última grande batalha naval da Segunda Grande Guerra, o Japão entra em conflito com as forças aliadas, lideradas pelos norte-americanos, nas campanhas navais do golfo de Leyte, em 1944. O Almirante Hélio Leôncio Martins conta-nos essa história. O fracasso japonês no domínio das águas do Pacífico determinou sua derrota e, também, sua conseqüente rendição. Nesse cenário, a vitória norte-americana redefiniu o sistema internacional de poder.

O último bloco que se pode imaginar no livro é composto por dois ensaios que tratam da história militar sul-americana e a marinha brasileira. No primeiro deles, o Almirante Armando de Senna Bittencourt analisa a batalha naval do Riachuelo, em momento decisivo da Guerra do Paraguai. No segundo, o Almirante Armando Vidigal escreveu sobre o conflito pelo arquipélago das Falklands ou Malvinas, entre a Inglaterra e a Argentina. Deste evento, para a marinha brasileira ficou a lição da importância da estratégia e do uso do submarino nuclear no conflito.

Como diz o excerto da música de Maria Bethânia, em epígrafe, guerra é guerra no mar. Guerreia-se pelo domínio de rotas comerciais e pelo espaço marítimo dos adversários – enfim, pelo poder naval de uma área. No livro, que leva o mesmo título da música, seus autores atualizaram o debate acadêmico-militar sobre as principais batalhas que moldaram a história da humanidade. Sem caírem na simples narração das guerras, eles traçam densos painéis políticos, estratégicos e sociais que determinaram aqueles conflitos ao longo dos séculos e o que resultou deles, justificando assim a sua importância e obrigatoriedade de leitura aos interessados na história naval.